



Osvaldo Cabral
osvaldo.cabral@diariodosacores.pt

DIÁRIO
inconveniente

O buraco alarga-se!

Faz hoje exactamente 5 anos que escrevi o que se segue:

“Há sinais preocupantes de falta de estímulo económico na nossa região.

Desde há alguns anos que o investimento público é nulo, as execuções orçamentais são baixíssimas e a formação bruta de capital fixo é quase inexistente.

Não fosse o crescimento do turismo - que, como alguém já disse, não decorreu do estímulo público, mas de uma conjuntura iniciada pela entrada das operadoras low cost -, e a economia açoriana estaria estagnadíssima.

A nossa balança comercial é um desastre, com a região a importar cinco vezes o volume do exportado.

Não produzimos riqueza, temos os piores indicadores de pobreza (mais de 18 mil beneficiários do Rendimento Social de Inserção e 14 mil desempregados e ocupados), o plano sobre as Ilhas de Coesão foi um fracasso, criamos uma “galáxia” de funcionalismo público e temos 13 empresas públicas e 62 serviços e fundos autónomos que engolem mais do que toda a receita da tesouraria pública.

Com um cenário destes, onde é que vamos parar?

A região já nem consegue despender dinheiro para aumentar o capital das empresas públicas tecnicamente falidas, entregando apenas património, como é o caso da Sinaga e da Lotaçor, que apenas vão receber imóveis.

Temos uma dívida pública elevadíssima para a nossa dimensão, numa trajectória sempre crescente (cerca de 1.800 milhões de euros), um atraso inconcebível no pagamento a fornecedores e uma responsabilidade futura decorrente das parcerias público privadas que já ultrapassa os 600 milhões de euros.

Se somarmos a dívida do sector público regional com as responsabilidades futuras, atingimos o número astronómico de mais de 2 mil milhões de euros, não contabilizando a totalidade dos compromissos com juros e outros encargos decorrentes da dívida, que só no sector público administrativo é de mais de 62 milhões de euros.

Só os três hospitais da região devem quase 900 milhões de euros, o mesmo valor que temos em responsabilidades assumidas através de avales concedidos às empresas públicas (em 2016 foram mais 15 avales no valor de 235 milhões de euros) e as famosas cartas de conforto (mais 16 no valor de 50 milhões de euros).

A SATA, outra tecnicamente falida, deve 222 milhões de euros e anda à procura de novo dono para 49% do seu capital, fruto de outro fracasso de gestão ao longo destes anos.

As renegociações da dívida das empresas públicas estão a ser feitas com ‘spreads’ altíssimos, que nenhuma empresa privada negocia, e a banca até já exige, escrito nos contratos de empréstimos, que não se altere a estrutura acionista das empresas, porque preferem a ‘maminha’ pública para o resto da vida.

A rede de dependência pública, por estas ilhas fora, é uma coisa impensável noutro lugar do mundo, com uma população a envelhecer a galope, jovens a emigrar, 10 mil doentes à espera de uma cirurgia e milhares de famílias

sem médico de família.

Nos últimos 15 anos, de 2002 a 2016, construíram-se mais 12 hotéis de 4 ou 5 estrelas e mais 83 unidades de alojamento local... e apenas 6 lares de idosos.

Isto diz bem de como estamos a tratar os que vêm de fora e os que estão cá dentro.

É de temer que as receitas da região estão a servir apenas para pagar salários a toda esta máquina pública brutal, juros de dívidas e ainda crescem uns trocos para manter em funcionamento a principal riqueza dos Açores, que é a “indústria extractiva do subsídio”, base essencial de um eleitorado conformado.

Perante um cenário desta natureza, o histórico socialista açoriano, Jaime Gama, perguntava, há pouco tempo, se “uma sociedade hegemónizada pela esfera pública será uma economia livre, apta a gerar uma sociedade mais livre e mais responsável ou leva a uma sociedade mais conformada?”.

Acho que cada açoriano saberá a resposta”.

Passaram-se 5 anos e a única coisa que mudou foi a diminuição de beneficiários do RSI, menos desempregados e diminuição da lista de espera para cirurgias.

O resto não só se mantém como está ainda pior.

De finanças públicas, então, nem se fala.

Está tudo rapado e o Conselho das Finanças Públicas veio agora, também, alertar para a trajectória perigosa da nossa dívida.

Já vem tarde. O Tribunal de Contas fala disso há quase uma década.

O que vem por aí abaixo não melhora muito o estado da nossa pobreza.

A demora no pagamento a fornecedores está novamente a aumentar, o investimento público está de rastos, já nem conseguimos pôr de pé uma promoção turística a tempo e horas, há lentidão em todas as decisões deste governo, reage por pressão ou empurrão, como aconteceu com os médicos e na escola de Vila Franca, anuncia programas para aplicar daqui a três meses quando a casa já está a arder desde o ano passado, inventa obrigações de serviço público quando os 9 milhões previstos no Orçamento de Estado nem dão para pagar as que já existem, não há um sistema de incentivos ao investimento e até se embrulha em trapalhadas com projectos futuros, como é o malfadado cabo submarino...

Isto vai acabar mal. Quando o interesse dos Açores está a ser ultrapassado por interesses de clientela partidária ou de ilha, o mais certo é mergulharmos no tal buraco que previa na crónica da semana passada.

Não há maneira de aprenderem com os erros do passado e os mais recentes.

Daqui a 5 anos voltamos a falar.

Ou talvez mais cedo do que isso.

Vendeu-se menos cimento no ano passado

A venda de cimento, que é um dos indicadores da economia, sobretudo no sector da construção civil, caiu durante o ano de 2022.

Segundo o SREA, venderam-se no ano passado 148.798 toneladas de cimento, quando no ano anterior tinham sido 155.622 toneladas.

Apenas nos meses de Janeiro, Fevereiro e Setembro se registaram vendas acima das quantidades homólogas, estando sempre em queda nos restantes meses do ano.

Curiosamente, produziu-se um pouco mais de cimento em 2022 do que em 2021, passando de 151.44 toneladas para 151.810 toneladas. O ligeiro aumento deve-se à importação, já que a produção local diminuiu.

Venda de cimento														
	Ano	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Acumulado Homólogo
Quantidade Total (Ton)	2021	9 927	13 125	16 580	12 594	13 574	12 416	14 136	14 345	13 704	13 253	12 090	9 878	155 622
	2022	13 744	14 951	13 183	12 141	12 310	12 271	12 800	12 100	14 098	11 925	11 484	7 792	148 798
Local	2021	9 157	12 138	14 930	11 368	12 317	10 884	12 215	12 334	11 916	12 412	10 662	8 603	138 936
	2022	12 790	12 972	11 172	10 760	10 682	10 235	11 110	10 147	12 315	11 266	9 812	6 732	129 993
Importação (Continente)	2021	770	986	1 650	1 226	1 257	1 532	1 921	2 011	1 788	841	1 428	1 276	16 686
	2022	954	1 979	2 010	1 381	1 628	2 036	1 690	1 954	1 783	659	1 671	1 060	18 805

Produção de cimento														
	Ano	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Acumulado Homólogo
Quantidade Total (Ton)	2021	8 719	11 619	13 087	16 014	14 075	10 266	15 973	11 514	12 818	15 901	10 662	10 796	151 444
	2022	10 337	16 653	14 197	15 455	12 048	10 248	17 417	10 007	9 025	17 153	11 755	7 516	151 810
Local	2021	8 719	11 619	13 087	13 231	14 075	10 266	11 395	11 514	12 818	11 472	10 639	10 661	139 496
	2022	10 229	12 114	13 926	10 714	11 943	10 004	12 868	9 784	8 786	12 434	11 397	7 301	131 501
Importação (Continente)	2021	0	0	0	2 783	0	0	4 578	0	0	4 429	23	135	11 948
	2022	108	4 539	271	4 740	105	243	4 550	223	239	4 719	358	215	20 310